

Depoimentos de pessoas impactadas pelo fechamento da estrada em função das obras de retaludamento do Portão do Inferno

Gisele de Freitas Carvalho

Moradora de Chapada dos Guimarães

09396035866

Relato colhido em dezembro de 2024 e com informações complementares do dia 19/03/2025

“Ele [o governador] fechou a estrada bem no final do ano. E o que acontece aqui é que **o final do ano é que a gente consegue ter um lucro pra pagar as contas atrasadas. Não é pra guardar dinheiro. É pra pagar o mês de agosto, setembro, outubro, novembro, começo de dezembro que é muito fraco, é a baixa temporada.** Então o final de ano, réveillon, janeiro e carnaval a gente consegue pagar as contas atrasadas. E foi o que não aconteceu”.

“**Como a estrada fechou, nós ficamos zerados de turista. A praça ficou parecendo uma cidade fantasma,** a rua coberta também porque ele amedrontou as pessoas com a mídia e quando começou o pare e siga também ninguém queria ficar em fila e as pessoas tinham medo de passar por lá porque ele amedrontou dizendo que ia cair. **Resultado: nós, empresários e empreendedores de Chapada, os pequenos, estamos falidos. Totalmente**”.

“Eu tinha uma vida normal, [agora] **a minha vida está horrível. Eu nunca andei a pé na vida e eu tive que vender meu carro pra pagar algumas contas, somente algumas, eu diria 20, 30% delas, somente.** Então eu tenho que vir a pé, eu não tenho funcionário

mais, eu tenho que limpar sozinha a minha casa e a minha pousada, e está sendo muito difícil a ponto de... eu não quero nem acordar”.

“Eu perdi meu carro já. **Se não acontecer um milagre de eu vender a minha casa, vou perder também. A prestação é R\$ 3200, a casa que eu moro. É nossa vida toda indo embora”.**

Suad Elkhatib

CPF 286.893.878-70

Moradora de Chapada dos Guimarães

Data do relato: dezembro de 2025, com complementações em 19 de março de 2025.

“Dia 16 de maio deste ano o Richard foi fazer uma cirurgia de reconstrução do trânsito intestinal, pela segunda vez. Fez a cirurgia, foram 10 horas de cirurgia mais as duas horas... do entrar ao sair um total de 12 horas. Ficou cinco dias na UTI, fez a reconstrução, tudo ok. Ficou internado uns dias na enfermaria e passado um total de 10 dias que poderia não dar certo a cirurgia, teve alta e viemos pra casa. Aqui também tudo bem até tirar a sonda vesical numa sexta-feira e ter que colocar ela no domingo e na terça-feira retornar com urgência pro hospital porque ele estava com um quadro de septicemia” .

“Fez a cirurgia de urgência (ele usava uma bolsa de colostomia que é no intestino grosso), **fez a reconstrução e dessa cirurgia última voltou com a bolsa de novo**, só que é ileostomia, no íleo, no intestino fino. Foram 32 dias internado, contando com mais cinco dias na UTI e viemos pra casa. O coração dele ficou muito lento. Vai fazer um mês ainda que ele voltou a ser como ele era, mas, assim, com algumas restrições porque **essa bolsa não é qualquer uma que usa, ela tem um valor alto**, porque cada peça - quando você encontra na promoção, porque são duas peças - você paga na faixa de 50, 40 a 80 reais, e a gente toda vez que vai a Cuiabá seja pra médico ou pra resolver qualquer coisa – porque é só pra isso que a gente vai, porque tem de ir lá, se não, a gente não sai –, **a gente sempre**

leva a reserva, a mochila com tudo o que ele necessitar, até roupa, troca de roupa. E a gente fez o que tinha que fazer em Cuiabá e ficamos aguardando a liberação do Portão do Inferno e ele já tinha feito a troca porque vazou”.

“Já tinha dado três dias que ele estava com a placa, já tinha trocado e a gente não tinha mais nenhuma. Isso já era quatro e pouco da tarde, a hora que a gente chegou próximo à Salgadeira. E aí tinha onde dormir em Cuiabá, mas e se precisasse? Porque acontece dele colocar a placa e de madrugada lá não colou porque feriu a pele, porque é muito ácido as fezes, e ter que trocar de novo. A gente agradece quando dura três dias, porque já aconteceu de estar trocando todos os dias e isso fere a pele, machuca, queima e não tem acompanhamento de uma enfermeira ostomizada, a não ser que a gente pague e a gente não está em condições de pagar porque o custo da bolsa é muito alto. Toda vez que vai comprar, às vezes até por semana, é 200, 250, 280 onde a gente encontrar. Porque pelo sistema não estão pegando pacientes ostomizados. O Richard é um paciente ostomizado há quatro anos, tudo começou lá em 2020, no meio da pandemia. Então nós tínhamos que voltar pra casa naquele dia, não tinha como”.

“Então, nós saímos dali quando o pessoal começou a avisar que não ia ter [abrir]. Nos grupos falando que ia abrir só no dia seguinte ao meio-dia , **a gente não tinha como ficar lá. Se ele precisasse trocar a bolsa não tinha... não tinha nem onde comprar se fosse o caso porque já era cinco horas da tarde.** Eram dezoito e onze, nós estávamos na Avenida Mato Grosso, próximo ao relógio, tentando sair do trânsito. **Nós fomos chegar aqui [em Chapada] eram dez e vinte, cansados, ainda teve que fazer a troca da bolsa porque muito tempo sentado. Então não é questão de ter rotas alternativas ou não. É questão de eles não estarem nem aí com quem está ali do outro lado. Quem está aqui na Chapada precisa ir embora, quem está lá precisa voltar pra casa e não tem condição de dar uma volta”.**

“O meu custo de ter dado essa volta foi um tanque e meio pra se acontecesse alguma coisa na estrada, não se perder, porque o GPS fica fora do ar e a gente não conhece a estrada. Jogou a gente diversas vezes em porteira de fazenda, á noite, muito caminhão. Quando você conhece o caminho não importa quantos caminhões têm na estrada, mas quando você não conhece fica mais complicado. E falta de sinalização. Então é muito bonito fazer um vídeo explicando as rotas, falando que está tudo ok, tudo bem, mas, na prática isso funciona diferente. Não é a questão do comércio, que é importante porque sem dinheiro a gente não faz circular... nem aqui na cidade a gente não consegue pagar conta, a gente não consegue pagar imposto, não consegue pagar alvará de funcionamento, a gente não consegue se manter. E aí toda hora sai reportagem na mídia falando que está fechado, que isso, que aquilo e isso circula rapidamente. A desinformação circula rapidamente. E as pessoas fazem o quê? "Eu não vou". "Devolve meu dinheiro que eu já paguei". É assim que está funcionando. Há um ano. Dia 23 de dezembro vai fazer um ano”.

“Conosco não é somente essa questão da saúde. Financeiramente está nos levando a uma situação bem ruim, já que vivemos exclusivamente do turismo. Richard recebe por enquanto um salário mínimo para as despesas de compra de bolsa e medicamentos, e isso não cobre os custos”.

Marionice Ramos Mendes, moradora da região do Rio Mutuca, na MT-251 (meio do caminho entre Chapada dos Guimarães e Cuiabá, próximo ao Rio dos Peixes)

CPF 031.123.391.00

Relato de 17/03/2025

“Eles, esse governador, esses donos do ônibus, deveriam dar uma relação [explicação] pra nós, contar a história, o que está acontecendo com os ônibus porque aqui pra nós

está muito difícil. Eles não têm responsabilidade com as pessoas. Pra eles está bom, né? Porque trabalham na sombra, sentados, eles ganham bem. **E nós que precisamos fazer uma diária ali, precisa fazer outra diária lá? E todo serviço nosso é em Cuiabá. Não é aqui onde nós moramos”.**

“Do ônibus para nós irmos fazer compra, pagar conta, ir nos hospitais, às vezes no posto de saúde. Nós precisamos disso, de ônibus pra nós. Nós não precisamos de transporte para ficar vagabundando. Não. Nós precisamos do transporte para nós trabalharmos e correremos atrás do nosso direito e não atrás de ficar aí sem trabalhar. No meu caso eu quero ir embora pra minha casa. Lá eu tenho responsabilidade, eu posso andar a pé lá porque é pertinho, dentro da cidade. E aqui onde nós vivemos? **30 quilômetros para nós irmos a pé. Quem vai a pé daqui pra lá pra trabalhar? Se nós sairmos daqui duas horas, três horas da manhã nós chegamos que horas lá? Meio-dia?** Não precisa nem trabalhar, né? Eles que não passam necessidade, né? Mas nós, não. Nós passamos necessidade aqui porque não tem transporte para nós irmos trabalhar. **Eles têm que entender isso. Colocar isso na cabeça.** Manda um ônibus então até a Salgadeira pra nós. Porque o Portão do Inferno nunca vai ser arrumado. E ano que vem já tem eleição para governador. E vai correr atrás de quem? Dos bobos, nós, pra ver se eles ganham, pra ver se eles arrumam, mentem mais pra nós. Não é verdade? Assim que eles são”.

Laura Antônia Domingos da Silva
moradora da região do Rio Mutuca, na MT-251 (meio do caminho entre Chapada dos
Guimarães e Cuiabá, próximo ao Rio dos Peixes)
CPF 007.070.261-64
Relato de 12/03/2025

“Olá, meu nome é Laura. Eu moro aqui no quilômetro 24, Mutuca, próximo ao Rio dos Peixes, na rodovia Emanuel Pinheiro”.

“Falar sobre a questão disso que está acontecendo no Portão do Inferno, **isso aí está um transtorno enorme**”.

“Depois que nós não tivemos mais o ônibus para passar ali ficamos de uma vez sem transporte. **A empresa colocava ônibus só pela Serra de São Vicente e nós aqui nesse trecho ficamos ilhados**”.

“**Quem tinha dinheiro para pagar Uber, pagava. Quarenta, cinquenta e até oitenta reais. Fosse [para fazer] compra era trezentos reais. E aí tivemos muito prejuízo, o desespero para vir trabalhar todo dia**, eu trabalho já têm seis anos em Cuiabá. Imagina o transtorno pra mim. Já imaginou tirar 50, 80, 40 reais por dia para ir e vir”.

“Eu não tinha moto, eu e o meu marido. **Tivemos que comprar uma moto. Compramos, estamos pagando na prestação, aí com isso não conseguimos tirar a carteira. Já fomos pegos na estrada cinco vezes. Cinco multas que daria para estar fazendo a carteira minha e dele, mas no desespero para ter que vir trabalhar passamos por tudo isso, multas e multas e mais multa**”.

“E os prejuízos aqui não são só comigo. Meus vizinhos... agora **com essa chikungunya teve vizinho meu que não tinha como vir pra Cuiabá pra ter atendimento médico. Teve que pagar 80 reais no Uber pra poder viajar**. Aí essa empresa da CMT só queria saber de atender o pessoal aí de Chapada mas que ia direto pela Serra [de São Vicente]. Aí vai pela Serra e demora mais de três horas para chegar em Cuiabá. **Imagina o transtorno para eles também**”.

“Então, assim, eu acho desnecessário muita coisa. Proibir sendo que não sabe nem quando vai começar a mexer naquilo lá... está lá uma enganação, uma enganação de coisa. **Deixou as pessoas dormindo na estrada**”.

“Então **pra nós está um transtorno muito [grande] aqui e prejuízo pra nós está demais.** E ter que dar toda vez jeito de você vir pra Cuiabá, **seu pensamento já fica "eu venho, não sei como que eu volto,** ou eu venho não sei se vou hoje ou amanhã ou como vai ser". Olha, o transtorno está muito grande. Então eu deixo aqui minha indignação de tudo o que está acontecendo, e que olhem por nós aqui porque está muito difícil pra nós andar”.

“No Carnaval mesmo foi liberado. Quer dizer: foi liberado uma quantidade de peso para passar lá no Portão do Inferno, aí as vanzinhas da CMT estavam passando. Aí depois deixou de passar. Né? E aí **ficamos desde o carnaval até ontem sem ônibus, ilhados lá,** tendo que tirar do bolso ou passar escondido em barreira porque não tem carteira e nisso tem multa. Como é que eu faço?”

“Já era para eu ter minha carteira e o meu marido também. Estamos aí pagando a prestação da moto. Como é que ficam as nossas outras compras? Então estamos andando super irregulares, né? E isso agora porque antes nós não tínhamos nem a moto. Ficamos à mercê pagando 40, 50, 80 reais pra Uber e aí esses Ubers aproveitam pra lascar o preço em nós. Está difícil demais desse jeito.

Tem mais pessoas aqui que tem provas também do que anda passando. **Minha amiga está tendo que dormir na casa da filha. Sai na segunda e volta só na sexta à noite pra casa.** Com coisa que não tem família [como se não tivesse família] porque nós estamos sem ônibus. Pagar? Ela não tem mais de onde tirar. **A outra teve que sair do emprego, foi embora porque ela não aguentou tirar dinheiro do bolso. Ela ficou sem ter dinheiro pra pagar fazer compra pra casa, pros filhos. Ela preferiu sair e foi embora daqui”.**

Laura Matos Lucena

Moradora de Chapada dos Guimarães

346502451-68 CPF e RG Nacional

Relato de 17/03/2025

“Todo mundo está sendo impactado na Chapada. Primeiro com as obras de reforma da praça, e depois com tudo junto, né, com as obras de reforma da praça e a rua coberta. Eu trabalhava na época no Feitiço da Lua e eu **vi o movimento cair muito, eu vi muita gente falir e eu vi muita gente indo embora aqui da Chapada por causa desse impacto da obra**. O Bruno, por exemplo, que estuda guia de turismo, tinha empresa aqui, Casa das Coxinhas, e teve que ir pra Cuiabá. A esposa dele está em Cuiabá e ele trabalha na prefeitura e ele está aqui. Quero ver quem não foi impactado”.

“A gente percebe – uma coisa que ficou horrível – foi essa história da Água Fria. O pessoal da Água Fria, do ri Mutuca, essas comunidades... o Portão do Inferno e entre o Portão do Inferno e Cuiabá, eles estão sendo muito impactados porque não está tendo turista, já, já vem o festival da pamonha, e aí como é que vai ser?”

“E eu diminuí muito as minhas idas a Cuiabá para ver a minha família”.

“Por que **eu vou sair daqui pegar um ônibus pra ficar quatro horas dentro de um ônibus - sem banheiro, né? Porque os ônibus da CMT não têm banheiro. As vans deixaram de passar, deixaram de servir**, mas deixaram também de servir o rio Mutuca e o Rio dos Peixes e todos esses lugares dessas comunidades que têm por aí. **O pessoal está sofrendo muito**”.

“Só a **minha vida já teve essa história de eu trabalhar lá no centro, que eu passei meses sem vender nada**. Chegou uma hora que falei "não, eu não quero mais trabalhar aqui". Aí estava fazendo meu curso de turismo, fui fazer o curso de turismo e terminei o curso de turismo”.

“Vou pra lá [para Cuiabá] para fazer exame, porque eu sou uma pessoa idosa, tenho 65 anos, então é complicado. Não está fácil, não”.

“Eu até acabei de me formar guia de turismo, mas **os próprios guias aqui da Chapada estão se perguntando: que turista?** No site da Confiança está escrito que o turismo em Chapada está fechado. Os taxistas falam que está fechado. **Então está sendo um problema social gravíssimo. Gravíssimo! Não estão pensando na população**”.

“Por exemplo: teve gente aqui que tinha filho e tiveram que ir embora. O menino estuda. E aí? Vão deixar o menino dentro do carro numa estrada? Não tem como. **E o pessoal que faz hemodiálise quando tiver fechado?** Eles não pensam no povo, não pensam nos idosos, nas pessoas que fazem hemodiálise. Eu estou revoltada com esse Portão do Inferno”.

“Muita gente está ganhando dinheiro fazendo Uber. É 50 reais. Se tiver que trazer bagagem, sobe para 100. **A população de Chapada é de baixa renda...**”

Antonio Braz Spolti

63092611934

Relato de 18 de março de 2025

“Com a questão da obra de retaludamento que impactou na vida de muita gente, os estudantes que tiveram seus estudos interrompidos, os trabalhadores que tiveram muitas vezes que interromper o trabalho, chegar atrasados por conta da questão da estrada. As pessoas com problemas de saúde... **tudo isso impactou, para alguns mais e outros menos nessa questão do que é dito emergencial quanto ao Portão do Inferno e que nós sabemos muito bem hoje que foi uma construção** que veio mexer com a cabeça das pessoas”.

“Pois bem, **pra mim o impacto foi no sentido das minhas idas aos médicos porque eu dependia de licença médica e tinha médico praticamente todas as semanas, em vários tipos de especialidades.** E nesse sentido eu sempre tive que tomar cuidado, tentar sair antes a ponto de não ter problema. Mas mesmo assim **era uma coisa desagradável, que você ficava no pare e siga, sem saber a hora que iria se retornar à situação dita normal. E é algo que mexeu muito**”.

“**Muitas vezes perdi compromissos,** os familiares também sempre querendo saber se deu certo, se não deu certo, aí chovia, e todo aquele impacto. Ainda bem que eu nunca tive problemas maiores porque eu sei de gente que teve problemas. Problemas cardíacos, enfim, que tiveram que ficar a noite inteira na estrada, ou seja, foi muito desagradável o que foi feito com a população. **E eu me sinto diretamente incomodado com essa situação. Foi uma situação bem ruim e acredito que para todo mundo**”.

Gonçalina Pereira de Arruda

Moradora da região do Rio Mutuca (meio do caminho entre Chapada dos Guimarães e Cuiabá, próximo ao Rio dos Peixes)

CPF 405.825.311-87

“Aqui pra gente **o impacto maior é porque o ônibus não passa aí no Portão do Inferno.** Essas obras já eram pra ter começado há muito tempo e até agora nada. **Nós precisamos ou que libere o Portão do Inferno, ou que ponha um ônibus para passar por aí** pra ficar melhor pra gente porque senão nós vamos ser prejudicados por causa disso”.

“O que está pegando mais é o ônibus. **Não está sendo fácil. A gente quer ir trabalhar e não pode.** Fica difícil. Sem o ônibus é muito difícil pra nós porque nós dependemos do ônibus aí o governo fica que não libera a van passar. Não sei se é o governo ou é má

vontade dessa empresa, eu só sei que nós e que estamos sendo prejudicados por conta disso”.

Hellen Selva

CPF 01826576126

Moradora de Chapada dos Guimarães

*Empresária, agência de turismo Wildlife Expeditions of Brazil
wildlifeofbrazil@gmail.com*

“Sou moradora da Chapada há mais de 30 anos. Todos esses anos que eu conheço e moro na chapada, **sempre teve umas quedas de pedras, pequenas, médias, mas nunca foi um problema grande para a segurança da nossa rodovia, pois nunca soube que provocou mortes**”.

“Então sou contra a destruição desse morro, acredito que vai afetar muito no turismo, principalmente para nós que trabalhamos no vai e vem de Cuiabá”.

“Eu mesma preciso buscar clientes com horário marcado, e **a rodovia fechando, abrindo, prejudica demais!** Ano passado mesmo **tive que ir um dia antes dos meus tours, pagar hotel, só para não correr o risco da estrada fechar e eu não ter como buscar meu cliente** no horário marcado. Isso prejudica demais!!! Fora que ficará feio, horrível . Acredito que há outra forma de termos mais segurança, sem precisar derrubar um morro de milhões de anos”.